

Inter-American Dialogue pede maior empenho na negociação

por Maria Helena Tachinardi
de Brasília

Na opinião do comitê executivo do Inter-American Dialogue, uma entidade extragovernamental com sede em Washington que reúne sessenta personalidades influentes do mundo acadêmico, empresarial e político do continente, os Estados Unidos e outros países desenvolvidos devem participar mais ativamente nas negociações internacionais da dívida, pois estas são demasiadamente críticas para ser deixadas sob a exclusiva responsabilidade dos bancos comerciais.

Os governos de países industrializados devem trabalhar junto aos bancos para assegurar que estes ofereçam o leque mais amplo possível de alternativas que permitam aos devedores a reorganização das suas dívidas, incluindo, por exemplo, o adiamento do pagamento dos juros e a troca dos débitos por participações acionárias e outros tipos de ativos.

Essas recomendações constam do relatório do comitê executivo da entidade, que se reuniu em Brasília no início desta semana. Foi a primeira reunião na América Latina e o seu impacto, segundo o presidente Sol Linowitz, ex-embaixador norte-americano junto à Organização dos Estados Americanos (OEA), deverá ser grande, especialmente nas instituições multilaterais como o Banco Mundial (BIRD) e o Fundo Monetário Internacional (FMI), porque altos executivos desses organismos são membros do Inter-American Dialogue e acabam difundindo nos meios financeiros as posições da entidade, que são francamente favoráveis ao crescimento e ao desenvolvimento da América Latina em bases sustentadas.

O documento começa afirmando que o problema da dívida não é uma questão meramente financeira ou técnica, mas acima de tudo uma questão social e política. Cita em particular o caso do Brasil, dizendo que o País já cometeu erros no gerenciamento de sua economia que terão de ser corrigidos, mas "melhores políticas nacionais por si só não resolverão os problemas provocados pela saída de 5% do PNB na forma de pagamentos de juros sobre a dívida. Essa saída de capital, que é mais severa do que aquela provocada pelas reparações pagas pela Alemanha após a I Grande Guerra, tem restringido investimentos e importações a níveis extremamente prejudiciais, enfraquecendo a política fiscal e alimentando a inflação".

O documento afirma também que já é consenso entre devedores e credores que o elemento imprescindível da equação é o crescimento e elogia a iniciativa do secretário do Tesouro dos EUA, James Baker, de desafiar os bancos a criar novas formas de financiamento.

O Inter-American Dialogue também endossa a posição do governo japonês de acenar com o fornecimento de recursos da ordem de US\$ 30 bilhões em três anos para os devedores latino-americanos. "Esses recursos representariam uma contribuição significativa ao valor global de US\$ 20 bilhões por ano, que é o fluxo de capitais novos exigido para a recuperação da América Latina", menciona a decla-

ração, que enfatiza a necessidade de uma conjugação de esforços: os países da América Latina terão de melhorar o gerenciamento das suas economias e a saída de capitais desses países terá de ser reduzida radicalmente e eventualmente invertida.

Os bancos comerciais, por sua vez, devem aumentar o volume de empréstimos que concedem atualmente.

O documento do Inter-American Dialogue é tão favorável aos países devedores que defende a possibilidade para os países mais sobrecarregados pela dívida, que já não podem pagar juros e não aumentam qualquer esperança de recuperação, de que lhes sejam perdoadas parcelas significativas de seus compromissos financeiros.